

ESCOLA ESTADUAL “JOAQUIM JOSÉ DE ASSUNÇÃO”

FRANCISCA DA SILVA DE OLIVEIRA

um estudo da vida e representação de Chica da Silva com alunos de iniciação científica

Coromandel, MG

2024



Rodrigo Rodrigues de Freitas Brandão

FRANCISCA DA SILVA DE OLIVEIRA
um estudo da vida e representação de Chica da Silva com alunos de iniciação científica

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Coromandel, MG

2024



RESUMO

O presente trabalho faz parte do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB) promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG), que contemplou a Escola Estadual de “Joaquim José de Assunção”, da cidade de Coromandel – MG, com um Núcleo de Pesquisa composto de doze alunos-pesquisadores do 8º ano ao 3º ano do Ensino Médio e um professor orientador. O projeto "Chica que manda" está sendo desenvolvido no período de maio de 2023 a dezembro de 2024. Temos por objetivo estudar a vida de Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, bem como da sua representação cultural na capitania das Minas Gerais do século XVIII. Utilizamos o levantamento bibliográfico como um método de pesquisa e visita de campo a cidade de Diamantina – MG (antigo arraial do Tejuco), para que possamos entender como foi a vida dessa mulher que marcou a história da exploração dos diamantes em Minas Gerais. Retratada por memorialistas como o advogado Joaquim Felício dos Santos que ao longo da segunda metade do século XIX a descreveu como uma mulher “grosseira e sem beleza”. Em oposição a esse relato, seu sobrinho-neto João Felício dos Santos, a retrata como uma mulher “sensual, desejável e atraente”. Apesar dessa familiaridade dos dois, ambos a representam de maneiras diferentes. Chica da Silva durante a história do Brasil foi difamada por diversas vezes, e também sendo alvo de diversos mitos por se tratar de uma sociedade racista e não aceitá-la, por ser negra e forra, onde buscava deslegitimar e desqualificar, no qual tinha o intuito afastá-la da sociedade e retirar seus méritos e direitos quanto cidadã, apesar de tudo isso Chica viveu normalmente, e chegou a ser considerada “a mulher que manda”, de acordo com seus alcances, onde se tornou representação na cultura cinematográfica, e sendo até hoje uma personagem importante nos dias atuais.

Palavras-chave: Iniciação Científica, Chica da Silva, Brasil Colônia



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	7
3 OBJETIVO GERAL	9
4 METODOLOGIA	10
5 RESULTADOS OBTIDOS	12
6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25



1 INTRODUÇÃO

O artigo faz parte do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica (ICEB) promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG), que contemplou a Escola Estadual de “Joaquim José de Assunção”, da cidade de Coromandel – MG, através do Edital nº 04, de 02 de fevereiro de 2023, com um Núcleo de Pesquisa composto de doze alunos-pesquisadores do 8º ano ao 3º ano do Ensino Médio e um professor orientador.

O projeto foi desenvolvido pelo nosso Núcleo de Pesquisa no período de maio de 2023 a dezembro de 2024 e busca fazer um breve relato da história e o legado de Chica da Silva, uma mulher que nasceu escravizada, mas ascendeu em meio a uma sociedade de cultura racista e posteriormente se consagrando como "rainha" dos diamantes no Tejuco, discutiremos de que forma sua história de vida foi representada na cultura brasileira e como ela se tornou uma figura de grande representatividade e resistência para todos os povos afro-brasileiros. Também será trabalhado a importância da mineração no nosso território, desde o período colonial a atualidade, a busca pelo diamante que também configurou o município do Núcleo de Pesquisa e que ainda traz o sonho do enriquecimento para aqueles que garimpam as pedras preciosas na região.

Temos por objetivo estudar a figura de Francisca da Silva e como sua história de vida foi influenciada pela sociedade mineira e diamantífera do século XVIII, bem como ela foi retratada pela cultura no Brasil do século XX.

Durante quase trezentos anos, Chica foi representada de diversas maneiras no cenário cultural brasileiro, passando por sedutora, bruxa, heroína, rainha e escravizada. Retratada por memorialistas como o advogado Joaquim Felício dos Santos que ao longo da segunda metade do século XIX a descreveu com

feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes [...], não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão. (SANTOS, 1978, p.170)

Em oposição a esse relato, em 1976 o cineasta Carlos José Fontes Diegues, conhecido como Cacá Diegues, traz uma Chica bem diferente na sua obra cinematográfica “Xica da



Silva” tendo Zezé Motta como atriz principal, no papel de uma sedutora, uma *femme fatale*, que usa de sua beleza e corpo para conseguir tudo o que queria dos homens que se envolveu.

No início do século XXI, a historiadora Júnia Ferreira Furtado publica seu livro "Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito", uma pesquisa onde, baseado em informações de arquivos oficiais do Brasil e Portugal, demonstra uma face humana da Chica, liberando-a dos estereótipos que a envolvem.

No contexto da história do Brasil colonial, a figura enigmática de Chica da Silva revela-se como um símbolo complexo de superação e resistência, entrelaçada com as narrativas de diamantes e escravidão. Nascida em meio à opressiva época da escravidão no século XVIII, Chica trilhou um caminho excepcional, que ecoa os contrastes da opulência dos diamantes e as amarras sociais impostas pelo sistema escravista. Sua trajetória singular revela não apenas a luta contra a opressão racial e social, mas também a capacidade de transcender as barreiras impostas por um sistema que, paradoxalmente, encontrava riqueza e prosperidade nas profundezas da terra, enquanto oprimia vidas humanas.



2 JUSTIFICATIVA

A iniciação científica é uma atividade que envolve a participação de estudantes em projetos de pesquisa, sob a orientação de um professor ou pesquisador. Essa prática permite que os alunos desenvolvam habilidades importantes, como a capacidade de formular hipóteses, coletar e analisar dados, e comunicar os resultados de suas pesquisas. Além disso, ela pode despertar o interesse dos estudantes pela ciência e pela pesquisa, o que pode contribuir para a formação de futuros cientistas e pesquisadores. Essa atividade também pode ajudar os alunos a desenvolver uma visão crítica sobre o mundo, o que é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e engajados.

Na educação básica brasileira, a iniciação científica pode ser implementada de diversas formas, como a realização de projetos de pesquisa em sala de aula, a participação em feiras de ciências, e a realização de visitas a laboratórios e centros de pesquisa. Essas atividades podem ajudar os estudantes a compreender melhor os conteúdos curriculares e a desenvolver habilidades importantes para a sua formação. No entanto, é importante ressaltar que a implementação da iniciação científica na educação básica enfrenta alguns desafios, como a falta de recursos financeiros e a escassez de professores capacitados para orientar os projetos de pesquisa. Nesse sentido, é fundamental que os governos e as instituições de ensino invistam na formação de professores e na aquisição de recursos para a realização de atividades de iniciação científica.

Trabalhar um tema que mescla a história dos negros escravizados e do diamante é de extrema relevância para a sociedade local, pois fazendo essa leitura macro os estudantes-pesquisadores podem entender o micro ao qual estão inseridos. Uma vez que, a Escola Estadual Joaquim José de Assunção está situada no Distrito de Santa Rosa dos Dourados, município de Coromandel – MG, em uma região que abriga garimpos e uma miscigenação cultural muito grande. A cidade de Coromandel é um conhecido ponto de extração diamantífero desde o início do século XIX sendo

[...]permeado por múltiplos sujeitos que forjam diferentes territórios. Por quase dois séculos, a garimpagem movimentou esperanças e sonhos, atraindo milhares de trabalhadores garimpeiros, desempregados, aventureiros, camponeses, trabalhadores da terra, comerciantes e fazendeiros, fortalecidos pela possibilidade de enriquecimento que os diamantes anunciam. (GONÇALVES E MENDONÇA, 2012, p.13)



Assim, estudar a história da Chica e a exploração dos diamantes é estudar a história do povo mineiro, que teve sua origem na exploração das riquezas da terra que impulsionou a migração para esse território do antigo Império Português e formou uma cultura miscigenada e extremamente rica. Primeiro veio o ouro no século XVII e com ele uma leva de escravizados e migrantes portugueses e quase um século depois tivemos o diamante e uma nova leva de migração no território. Nessa nova onda exploratória, temos o surgimento do arraial de Sant'Ana que daria origem ao município de Coromandel.

Todo esse processo está ligado intimamente as nossas raízes, a nossa cultura e estudar esses temas é estudar nossa identidade e proporciona um sentimento de pertencimento ao lugar, a sua história, sua cultura.



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Estudar a vida de Francisca da Silva de Oliveira e sua relação com a exploração dos diamantes na cidade do Tejuco em Minas Gerais e como sua figura foi retratado na cultura brasileira nos séculos após sua passagem.

3.2 Objetivos específicos

- Estudar a biografia existentes de Chica da Silva;
- Entender o processo de construção de sua figura no imaginário cultural brasileiro;
- Discutir a importância da exploração diamantífera na sociedade mineira setecentista.



4 METODOLOGIA

A pesquisa utiliza dois métodos de pesquisa: método de pesquisa histórico e método de pesquisa comparativa. Os métodos de investigação histórica incluem, entre outras coisas, a análise do surgimento de uma determinada instituição em estudo, o contexto histórico em que ocorreram determinados eventos. Por outras palavras, através de uma abordagem histórica, é possível traçar as origens de um determinado fenômeno e obter uma compreensão mais profunda do seu impacto. O método comparativo examina coisas e eventos e os explica com base em suas semelhanças e diferenças. Este método permite a pesquisa indireta, analisando dados concretos e tirando conclusões sobre semelhanças e diferenças entre elementos constantes, abstratos e gerais.

Dessa forma, as reuniões online e encontros presenciais cumprem o papel de organizar tais ideias, sendo que, cada encontro específico se presta para os pesquisadores, em conjunto, desenvolvam a leitura e coloquem em prática os métodos propostos.

Durante nosso trabalho realizamos os encontros semanais na escola, com o intuito de fazer as discussões acerca da bibliografia levantada, bem como uma forma de ir delimitando as ideias e conceitos a serem trabalhados.



Fonte: Instagram - @icebjjassuncao



Foi utilizado viagens de campo como forma de trazer os alunos-pesquisadores a vivência daquilo que eles estudaram. Assim, no ano de 2023 viajamos para a cidade de Diamantina-MG, antigo Tejuco, onde realizamos uma visita à casa de Chica da Silva, sede do Museu do Diamante. Além disso, conhecer o centro histórico e arredores para que essa experiência fosse mais imersiva. E em 2024 visitamos a cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, como uma forma de concluir o trajeto do Caminho do Diamante da Estada Real, que tem origem em Diamantina, trazendo aos alunos a discussão sobre o processo da extração diamantífera.



Fonte: Instagram - @icebjjassuncao

A tecnologia nos ajudou bastante no desenvolvimento da escrita, pois usando os notebooks cedidos pelo Núcleo de Pesquisa foi possível fazer reuniões online onde a construção de textos e discussões acerca da bibliografia se dava em tempo real. Também, pudemos usá-los para criar uma página na rede social Instagram chamada “Núcleo de Pesquisa ICEB – EE JJ de Assunção” (@icebjjassuncao) para fazer a divulgação científica do nosso trabalho e toda a pesquisa, trazendo a comunidade para mais perto de nosso trabalho.



5 RESULTADOS OBTIDOS

5.1.1. Uma sociedade de faisqueiras

A trajetória de Chica da Silva teve como palco o arraial do Tejuco e seus arredores, na capitania das Minas Gerais. “Apesar de afastado, o arraial era como um caleidoscópio do mundo ao seu redor e a vida que lá transcorria espelhava seu tempo” (FURTADO, 2003, p. 27).

Segundo Laurentino Gomes a descoberta oficial dos diamantes em terras brasileiras se deu em 1729 e em 1734, foi criada uma administração específica para supervisionar toda a operação mineradora, a Intendência dos Diamantes (GOMES, 2021).

Porém, de acordo com Bueno (2012) as “faisqueiras” já estavam sendo exploradas desde 1714 de forma clandestina e com a notícia oficial, Lisboa colocou a região “na mais absoluta clausura, proibindo a presença de negros e pardos livres [...] vendas e tavernas foram fechadas, comerciantes expulsos. Um estado policial se instalou na região” (p.119).

As datas (lotes) e escrituras de propriedade foram anuladas, as pedras extraídas deveriam ser registradas e recolhidas, garimpeiros autônomos foram proibidos de exercer a sua profissão. O distrito Diamantino se tornou um Estado dentro de outro Estado, “com regras e leis distintas do resto da Capitania, submetido a uma administração especial” (ALVES E BORGES, 2018, p.93). Ninguém, nem o governador da Capitania tinha permissão para entrar sem um passaporte especial e na saída todos eram revistados. A posse ilegal de um diamante podia resultar em penas severas como o degredo para a África.

A riqueza das lavras fez a produção crescer de maneira vertiginosa, e as autoridades portuguesas logo perceberam que o preço do diamante era sensível, ligado diretamente à raridade das gemas. Com o excesso de oferta, o valor do quilate no mercado mundial despencou (FURTADO, 2003, p. 31).

Joaquim Felício traz que as lavras de diamantes tornaram o comércio farto, “os mineiros os trocavam pelos gêneros de que necessitavam, ou os vendiam por ouro em pó ou em barras, que serviam de moeda no país” (SANTOS, 1978, p. 77)

Segundo Lima Júnior, o arraial do Tejuco era um importante ponto de convergência de negócios, análogo à Vila Rica e “atraia uma população numerosa, que em pouco tempo



levava uma vida opulenta, graças ao intenso comércio de que era centro” (LIMA JÚNIOR, 1978, p. 61-64 *apud* FURTADO, 2008, p. 37).

A partir de 1740, um novo sistema de exploração passou a vigorar na região: o Contrato de Diamantes, onde a Coroa vendia o direito de exploração a um contratante privado. Até 1771 foram celebrados seis contratos, quando então a Coroa optou pela administração direta da extração. Nessas três décadas contrato, segundo Gomes (2021) foram enviados a Portugal 1,7 milhão de quilates de diamantes (aproximadamente 340 quilos de pedras).

Em 1771, no contexto da Era Pombalina, o rei D. José e o Ministro Marquês de Pombal reformularam a administração da mineração, estabelecendo um novo regime para a exploração dos diamantes. Conhecido como o “livro da capa verde”, este regime implementou um rígido controle estatal, incluindo a proibição de atividades mineradoras sem permissão real e a vedação de vendedores ambulantes no Distrito dos Diamantes.

A mineração nesta área não só despertou o interesse das autoridades coloniais, mas também foi marcada por contrabando, evasão fiscal e corrupção, tornando a administração da mineração um desafio constante. A Administração Geral dos Terrenos Diamantinos desempenhou um papel crucial nesse contexto, regulando e fiscalizando as atividades de mineração, registrando os terrenos e gerenciando os direitos de lavra. A atuação deste órgão foi fundamental para assegurar a ordem e a legalidade na extração das pedras preciosas, num cenário frequentemente marcado por conflitos e negociações. A atividade diamantífera em Diamantina gerava receitas significativas para a Coroa Portuguesa e depois para o Império Brasileiro, apesar dos problemas com evasão fiscal e ilegalidade.

Culturalmente, a mineração influenciou a formação de comunidades e práticas sociais específicas. A exploração de diamantes criou uma sociedade caracterizada por relações informais e acordos verbais entre trabalhadores mineiros, amigos e familiares. Além disso, a existência do preço do diamante moldou a vida quotidiana das pessoas e afetou tudo, desde a economia local até as relações de poder da região.

A extração não se restringiu apenas aos lucros econômicos imediatos. A existência das minas de diamantes em Diamantina impulsionou o desenvolvimento urbano e a criação de um centro cultural importante. A arquitetura colonial ainda mantida nas vias estreitas e



nos prédios centenários de Diamantina é uma evidência viva desse período de crescimento e progresso (MARTINS, 2012).

A exploração diamantífera no Brasil, durante os séculos XVIII e XIX, é um exemplo vívido da interseção entre história, cultura e economia. Iniciada como um complemento à busca por ouro, a descoberta dos diamantes não apenas alterou a paisagem econômica da região, mas também deixou um legado cultural duradouro. A mineração dessas gemas preciosas não se limitou a aspectos econômicos; ela configurou novas dinâmicas sociais e comunitárias entre os habitantes locais, influenciando desde a arquitetura urbana até as relações familiares. A dimensão dessas práticas ainda reflete na atualidade, a exemplo de Coromandel que ainda vivencia o desejo pelo diamante e o sonho de encontrar um novo Diamante “Getúlio Vargas”.

5.1.2. O sonho e o pesadelo de um garimpeiro

Em geral, os garimpeiros vivem uma vida muito pobre e trabalham duro para sobreviver e tem uma produção muito pequena. Às vezes um ou outro tem sorte e encontra uma pedra grande e, que compensa integralmente os esforços de muitos anos. No entanto, esses casos são raros. Durante o fechamento das minas, eles vivem na miséria com seus entes queridos. Na verdade, grupos de mineiros estiveram ativos em toda a região contra a mineração da demarcação de Diamantina, mobilizando milhares de homens para trabalhar manuais pesados e trabalhosos. Por um lado, os garimpeiros foram historicamente responsáveis pelas maiores descobertas de diamantes.

A mineração de diamantes não é apenas uma história de riqueza e desenvolvimento econômico, mas também um testemunho da capacidade do homem de moldar o ambiente e a cultura durante séculos. A cidade enfrenta desafios e oportunidades à medida que avança para o futuro, equilibrando a preservação do patrimônio histórico e cultural com o desenvolvimento econômico sustentável. Por meio da gestão responsável dos recursos naturais e do fortalecimento das tradições culturais, Diamantina pode continuar a se desenvolver como símbolo de orgulho e identidade para seus habitantes e para todo o Brasil.

A prática de extração de diamantes evoluiu ao longo do tempo com diferentes métodos e abordagens. Inicialmente, o procedimento era principalmente manual, com mineração manual caracterizada por muito esforço em áreas aluviais ricas em diamantes.



Estas minas eram geridas por pequenos grupos de mineiros, que frequentemente empregavam métodos primitivos como peneiração e escavação manual. Com o passar do tempo, a procura por diamantes aumentou, especialmente durante o século XIX. Como resultado, foram desenvolvidos métodos mais avançados de extração de diamantes.

A implementação de tecnologias como dragas fluviais e máquinas de lavar facilitou um maior grau de eficiência na extração de diamantes de deltas aluviais. Além disso, métodos de mineração subterrânea foram desenvolvidos para explorar reservas primárias de diamantes localizadas em minerais de kimberlito.

Durante o século XX, a prática da mineração de diamantes foi revolucionada pela introdução de métodos de fabricação em grande escala. Isto envolve a utilização de escavadeiras, caminhões que extraem minerais e métodos avançados de processamento mineral. A mineração em grande escala não só aumentou a quantidade de diamantes produzidos, mas também levou a problemas significativos, incluindo os efeitos ambientais da operação, incluindo a remoção de grandes quantidades de solo e rocha, a destruição de ecossistemas locais.

Como qualquer outra organização tecnológica, o garimpo é um alinhavo de escolhas sociotécnicas de seus praticantes, escolhas que envolvem imbricados particulares de artefatos, técnicas e significados simbólicos em relações sociais. O que faz o garimpo se construir constantemente e há tanto tempo são as formas como as relações nele estabelecidas são ordenadas, as coerências que agrupam os interesses e mediações heterogêneas em soluções que sejam coerentes para o coletivo. A incorporação de relações sociais em materiais inanimados e duráveis, como os sítios arqueológicos, é uma destas formas de ordenação que faz com que as relações estabelecidas no garimpo durem mais e tenham maior alcance (RIBEIRO, p.160, 2013).

A exploração de diamantes em Diamantina, Brasil, durante os séculos XVIII e XIX, é um exemplo vívido da interseção entre história, cultura e economia. Iniciada como um complemento à busca por ouro, a descoberta dos diamantes não apenas alterou a paisagem econômica da região, mas também deixou um legado cultural duradouro. A exploração dessas gemas preciosas não se limitou a aspectos econômicos; ela configurou novas dinâmicas sociais e comunitárias entre os habitantes locais, influenciando desde a arquitetura urbana até as relações familiares.



5.1.3. Coromandel: terra do Diamante “Getúlio Vargas”

A região de Coromandel, no Triângulo Mineiro, é historicamente conhecida pela exploração de diamantes. Em 13 de agosto de 1938, foi encontrado no rio Santo Antônio, também situado na região de Coromandel, o maior diamante do Brasil, que pesava 726,5 quilates.

O diamante foi batizado de Presidente Vargas em homenagem ao então presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas. Dois garimpeiros, Joaquim Venâncio Tiago e Manuel Miguel Domingues, tiveram a sorte de encontrar a enorme pedra. Esse diamante de 726 quilates hoje é considerado o maior diamante já descoberto na América foi vendido por cerca de US\$56 mil, o equivalente hoje a mais de US\$10 milhões e após ser lapidado resultou em 29 brilhantes vendidos pelo mundo, o maior deles de 48 quilates está hoje em posse de uma joalheria em Nova York.

Os diamantes encontrados na região de Coromandel são de alta qualidade e foram descobertos em depósitos aluviais, que são formações geológicas resultantes do acúmulo de sedimentos trazidos por rios e córregos. A extração de diamantes aluviais não requer técnicas de mineração tão complexas quanto a extração de diamantes de rochas kimberlíticas, tornando-a mais acessível durante os períodos de maior exploração.

A cidade de Coromandel e seus arredores atraíram muitos garimpeiros ao longo dos anos, levando ao desenvolvimento de várias pequenas comunidades e à criação de uma cultura local fortemente ligada à mineração de pedras preciosas. Embora a mineração de diamantes não tenha a mesma intensidade de antigamente, ainda há atividades de garimpo na região, e ocasionalmente são encontrados diamantes de grande valor.

Atualmente, a exploração de diamantes na região de Coromandel é regulada por legislação ambiental e mineral, que visa garantir a sustentabilidade e minimizar os impactos ambientais. A cidade também se beneficia do turismo associado ao seu passado de mineração, com visitantes interessados em conhecer a história e as tradições locais relacionadas aos diamantes.

5.2. Uma sociedade escravocrata diamantífera

A trajetória singular de Chica, de escravizada a "rainha" dos diamantes, oferece um rico campo de análise para compreender não apenas a resistência e superação individual, mas



também as complexas dinâmicas sociais e econômicas da época. Além disso, este estudo evidencia a evolução das representações de Chica da Silva ao longo da história cultural brasileira, mostrando como as perspectivas variaram desde estereótipos desumanizantes até narrativas que buscam desvendar a complexidade de sua vida.

A escravização dos africanos no Brasil começou com a autorização do rei D. Sebastião em 29 de março de 1559, onde o monarca português permitiu que até 120 “peças de escravos” fossem capturados no Congo para servirem nos engenhos de açúcar (BUENO, 2012). O tráfico negreiro para Brasil durou até 1850 com a promulgação da Lei Eusébio de Queirós e trouxe 4,9 milhões de cativos, o equivalente a 47% do total desembarcado no continente americano (GOMES, 2019). Esse período triste de nossa história só encerrou oficialmente no dia 13 de maio de 1888 com a Lei Áurea.

Segundo dados do Censo 2022 do IBGE pretos e pardos representam hoje 55,8% da população brasileira, mostrando que mesmo com o preconceito existente na nossa sociedade somos um povo miscigenado e de maioria negra, mas com pouca visibilidade na História brasileira. Temos personagens negros estudados em nossas escolas como Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, Aleijadinho, Luís Gama, Maria Carolina de Jesus e José do Patrocínio. Mas suas histórias muitas vezes são apenas notas de rodapé nos livros didáticos, mostrando um racismo estrutural que deve ser combatido diariamente pelos educadores.

Chica da Silva foi um fenômeno comum na sociedade mineira do século XVIII (FURTADO, 2003), com uma história fascinante que deveria ser rememorada, pois mostra uma outra realidade do escravizados que não é mostrado nos livros didáticos. A pecha a ela imposta por obras da cultura popular talvez tenha contribuído para sua invisibilidade.

A sociedade tejuicana, assim como em grande parte da capitania das Minas Gerais, era composta de homens livres que não levavam duas famílias as regiões de extração

o que resultou em uma sociedade formada principalmente por homens brancos, mulatos e negros; e por mulheres mulatas negras. Ao longo do tempo, a sociedade mineira se tornou bastante miscigenada, e várias crianças eram filhas de mãe escrava e pai livre. [...] Muitas vezes, os senhores garantiam a alforria às mães de seus filhos apenas no testamento (GRINBERG, GRINBERG, ALMEIDA, 2007, p. 53).

Assim, a sociedade mineira se tornou graças a extração uma sociedade de cultura múltipla e mesmo assim foi uma sociedade que os preconceitos trazidos pelos europeus



predominavam, uma vez que as escravizadas só ganhavam sua liberdade apenas com a morte de seus donos ou esses mesmos senhores davam a liberdade apenas aos filhos dessas relações na pia batismal.

5.3. Chica da Silva: uma história

Francisca da Silva, nasceu entre 1731 e 1735, filha da negra escravizada Maria da Costa e do português Antônio Caetano de Sá. Chica nasceu no Arraial do Milho Verde, hoje pertencente a Serro, sendo primeiramente propriedade de Domingos da Costa, dono também de sua mãe, vivendo assim a maior parte de sua infância. Segundo Júnica Ferreira (2003) vários documentos falam que Chica da Silva era descrita como parda ou como mulata, tendo herdado os traços de sua mãe, já que sua mãe possuía a pele mais clara.

Durante o começo de sua adolescência Francisca foi vendida como escravizada doméstica para Manuel Pires Sardinha, um médico que residia no Tejuco. Manuel, além de médico também ocupava o cargo de juiz da Câmara da Vila do Príncipe, cargos que eram especialmente para a elite da região. Ele também era proprietário de um plantel significativo de escravizados. Chica e Manuel mantiveram um concubinato que provavelmente era um relacionamento abusivo, que naquele tempo era muito frequente. Em 1751, Chica deu à luz a seu primogênito, Simão, fruto de seu relacionamento com seu proprietário que não assumiu sua paternidade, porém na beira de sua morte o concedeu sua alforria e o colocou em seu testamento, mas, não como filho herdeiro.

Por causa do concubinato que mantinham e por prováveis filhos, Chica, o médico e suas outras escravas com quem o Manuel mantinha relações, foram condenados pelo reverendo local durante uma visita eclesiástica em julho de 1753. Todos eles foram obrigados a assinar um documento e acabarem com o ilícito vínculo que mantinham. No mesmo ano do julgamento Francisca foi vendida. Pode-se dizer que a condenação pode ser o provável motivo da venda de Francisca da Silva.

Chica da Silva foi vendida por 800 mil réis para o desembargador João Fernandes de Oliveira, filho do Sargento-mor João Fernandes de Oliveira e de Maria de São José, nascido em meados de 1727, em Vila do Carmo atual Mariana. O jovem João Fernandes de Oliveira herdou esse nome de seu pai e de seu avô ambos brasileiros. Em sua adolescência foi mandado a Portugal para uma melhor formação educacional, fornecendo assim uma ascensão



social e um grau universitário. Em agosto de 1753, João Fernandes retornou ao Brasil para representar seu pai que havia arrematado o quarto contrato dos diamantes no arraial do Tejuco.

Não se tem certeza de que o desembargador tenha adquirido Chica com a intenção de torná-la companheira, porém se levamos em conta o fato de que ele registrou a alforria dela no Natal daquele mesmo ano; o que não era muito comum na época proprietários de escravos libertá-los e ainda mais em tão pouco tempo, podemos levantar essa hipótese. Chica teria entre dezoito e vinte dois anos quando conheceu João Fernandes, naquela época Chica já era mãe de uma criança de dois anos. Logo após ganhar sua alforria, Chica e João Fernandes passaram a viver juntos, mais nunca se casaram oficialmente. Em decorrência de sua alforria Francisca adotou o sobrenome Oliveira de João Fernandes, o que foi confirmado pelo batismo da primeira filha do casal, confirmando assim a união informal entre os consortes. Dessa forma nasce Francisca da Silva de Oliveira, a nossa Chica da Silva.

O relacionamento deles durou dezessete anos, entre 1753 e 1770, desse relacionamento nasceram treze filhos, nove meninas e quatro meninos, sendo eles Francisca de Paula, João, Rita Quitéria, Joaquim, Antônio Caetano, Ana Quitéria, Helena, Luísa Maria, Maria, Quitéria Rita, Antônia Maria, Mariana de Jesus e José Agostinho. Todos seus filhos foram batizados na igreja de Santo Antônio, a matriz do Tejuco, ação incomum naquela época por se tratar de filhos bastardos de homem branco com uma mulher forra.

Nos anos que se seguiram ao relacionamento, João Fernandes concedeu luxos a sua amada, entre eles temos um plantel de escravos que ela arrendava, um luxuoso sobrado de madeira e adobe, com um jardim com árvores frutíferas e uma capela particular consagrada a santa Quitéria e talvez a mais lendária de suas propriedades fora a Chácara da Palha, uma construção com aparência de castelo com um teatro onde se encenava óperas e comédias, labirintos de roseiras e um tanque do riacho represado para representar o mar onde, segundo a lenda, um navio que era manobrado por 10 homens e estava a disposição da “rainha” do Tejuco. (ALVES e BORGES, 2018)

No ano de 1770, essa relação acabou quando João Fernandes teve que retornar para Portugal a fim de receber os bens herdados do pai. Quando foi embora João Fernandes levou



os seus filhos homens, com a intenção de que tivessem uma educação superior, para atingir cargos importantes no Reino e receber títulos de nobreza.

O Contratador João Fernandes, faleceu nove anos após sua partida para Portugal, mas

mesmo a distância, continuou a proteger os filhos e a cuidar dos interesses de Chica da Silva. Cada uma das filhas recebeu uma fazenda como herança. A um dos filhos homens, João, nomeado herdeiro principal, destinou um terço de todos os bens. José Agostinho, outro filho, ordenou-se padre e recebeu o dote necessário para ocupar uma capela. Chica educou as filhas no Recolhimento de Macaúbas, o melhor educandário feminino de Minas Gerais, reservado apenas às mulheres da elite. Uma delas se tornou freira. As demais retornaram ao Arraial do Tijucu, onde se casaram (GOMES, 2021, p. 376).

Chica continuou no arraial de Tejuco tornando-se também proprietária dos patrimônios deixados por seu ex-companheiro, que lhe concedeu uma vida digna e abastada. Ela continuou participando das atividades de extração de diamante da região, se tornando dona de alguns escravizados alugados para a Real Extração de Diamante das Minas do Brasil, uma associação que substituiria os contratos dos Diamantes.

Chica sempre foi muito religiosa e por isso concedeu ao seus escravizados o direito aos sacramentos cristãos, como o batismo, o casamento e a extrema unção.

Dona Francisca da Silva de Oliveira morreu em sua casa em 1796, senhora de “grossa casa”, recebeu o reconhecimento social em seu sepultamento, pois “foi enterrada na tumba 16, no corpo da igreja da Irmandade de São Francisco de Assis, que teoricamente congregava apenas a elite branca local” (FURTADO, 2003, p. 245).

Podemos notar que várias conquistas foram alcançadas na vida de Chica, desde a conquista do coração do jovem desembargador João Fernandes de Oliveira, a sua libertação da vida de escrava até sua ascensão no distrito do Tejuco atual Diamantina. Chica da Silva ocupou cargos importantíssimos no distrito diamantino antes nunca alcançados por uma mulher negra. Com sua importância Francisca da Silva de Oliveira ou Chica conseguiu acessar vários lugares que se diziam não aceitar negros, mas ela não se importava, entrou e marcou seu lugar e importância. Um forte exemplo foi sua participação em todas as irmandades da cidade, de ricos e pobres, de brancos a negros.

Mas se Chica da Silva foi tão importante porque não existe uma representação fidedigna de seu rosto? Esta pergunta pode ficar vaga para uma eternidade e sabemos que



não será possível conhecer certamente como foi o rosto da personagem do Tejuco que obteve tanto glamour e sucesso no século XVIII.

Com a importância de Francisca no arraial e seus pedidos a João Fernandes que quase sempre eram atendidos, Chica com sua importância passou a ter um lema “a mulher que manda” onde foi muito usado pelas pessoas da localidade do Tejuco.

Francisca ou Chica como quiser retratá-la, não conseguiu algumas poucas coisas, como por exemplo, casar-se com João Fernandes e segui-lo em sua viagem à Portugal. Por outro lado, João Fernandes deixou Chica muito bem financeiramente, inclusa na sociedade, com tudo que precisava para viver tranquilamente no Tejuco, apesar de deixá-la triste, pois seu grande amor a abandonou.

5.4. Chica na cultura

No campo cultural do século XX, Chica teve sua imagem e história de alguma forma deturpada. Isso ocorreu devido à ausência de dados confiáveis sobre sua vida, onde a maioria das informações foram fornecidas por Joaquim Felício dos Santos que com o passar do tempo se tornou a única referência sobre o assunto.

A consequência disso foi o preenchimento de lacunas na sua história com fantasias da imaginação literária o que acarretou a adição de outras qualidades ao mito. Em 1953, a autora Cecília Meireles em sua obra “Romanceiro”, retrata Chica como uma mulher sedutora e bela, a qual mandava e desmandava em João Fernandes. Já na obra “Rei branco, Rainha negra” de Paulo Amador, Chica é retratada com uma romântica que luta pelos direitos das pessoas de cor, sendo uma benfeitora dos escravos que liberta e cuida, porém ainda assim rebelde e indomável, escrito com intenção de representar o povo brasileiro.

No teatro, Antônio Callado personificou Francisca como uma donzela astuta e que manda em João, um bobo, manso e incapaz. Na peça Chica se torna mulher independente e manipuladora, o que leva a crer ser uma bruxa que a todos encanta. Tal peça é descompromissada com a realidade criando a figura de uma Chica maquiavélica e de interesses junto a um contratador desprovido de perspicácia.

Agripa Vasconcelos foi outro autor que escreveu sobre Chica da Silva, em seu romance “Chica que Manda (1966)” é mostrado uma personagem mais complexa, pois, uma hora está bondosa e outra já está cruel, “ora é boa e caridosa, ora é perversa e sádica, pois



sente-se contente ao cometer crueldades contra seus escravos e contra mulheres que façam se sentir ameaçada em sua relação amorosa com o contratador João Fernandes de Oliveira” (RIBAS, 2021, p.3).

Na cultura cinematográfica, Chica da Silva foi representada de forma peculiar como no filme de 1976 do diretor Cacá Diegues onde Xica, agora com X, foi retratada com características sensuais “tão ao gosto da década de 1970, quando a revolução sexual liberta a mulher dos estereótipos que a mantinham presa à imagem de recato e confinamento do lar” (FURTADO, 2003, p.282).

A escritora Joyce Ribeira, descreve Chica de maneira oposta às outras, onde é mostrado uma mulher de vida sofrida devido aos trabalhos escravocratas da época. Nesse livro, Chica é vista como um ícone de resistência e empoderamento para todas as escravas do Brasil. Também é mostrado o casamento dela com o Contratador João Fernandes e que mesmo naquele período conturbado Chica se torna uma boa mãe e consegue conquistar sua felicidade.

Também foi retratada na novela de 1997 da Rede Manchete de autoria de Walcyr Carrasco, onde o limite entre o erótico e o mau gosto não tinham compromisso com a realidade do século XVIII, nessa obra o autor misturava desde uma atriz ícone do pornô italiano representando uma personagem na novela, com a trama que lembra o clássico renascentista Romeu e Julieta.

Todavia, a imagem histórica distorcida de Chica da Silva nas obras citadas foi refutada pela historiadora Júnia Ferreira Furtado em seu livro, no qual a autora transcreve a trajetória de sua vida baseada em profundas investigações e em documentos históricos. Onde a personagem é representada como uma mulher histórica que vivenciou sua ascensão social no século XVIII em meio a um contexto racista e escravocrata, desfrutando o amor por quinze anos ao lado do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira.

5.5. Chica no século XXI

Apesar de sua fascinante história, não restou para a posteridade nenhuma imagem sua. Mandar fazer autorretratos era uma prática comum entre a nobreza e burguesia, mas não foi o caso de Chica e João Fernandes. Temos apenas os relatos que muitas vezes não foram



de bom tom, como a descrição feita por Joaquim Felício dos Santos. Esse fato também contribuiu para que o mito da “Chica que manda” nascesse no cenário cultural brasileiro.



Fonte: Núcleo de Pesquisa

Por esse motivo, com o auxílio da tecnologia de Inteligência Artificial (IA) podemos criar uma imagem para Chica da Silva. Usando, para isso, a impressão passada pela pesquisadora Júnia Furtado e relatos de outros autores, principalmente sobre o biotipo de escravizadas do século XVIII, obtivemos os seguintes resultados postados da imagem acima.

Após dar os comandos como: “faça uma mulher negra, jovem, bela, com roupas do século XVIII e joias” e no segundo acrescentando a icônica cena do “mar” e barco que o Contratador mandou fazer para ela, obtivemos essas duas imagens. São apenas imagens criadas por uma IA, mas que no fundo nos causa um sentimento aproximação com essa personagem histórica que tanto nos fascina e que se perdeu nas teias do tempo.

Ter uma imagem dela parece ser fútil, tamanha sua história de vida, mas acaba que se torna relevante e até um pouco necessário ter um rosto ao qual possamos olhar e imaginar as histórias contadas por diversas pessoas ao longo dos séculos.



6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossa pesquisa e estudos podemos chegar à conclusão de que Chica da Silva desempenhou um papel significativo em seu período, desafiando os padrões sociais estabelecidos. Ela se destacou na história colonial do Brasil como uma mulher afro-brasileira, de notável relevância e que ascendeu no âmbito de uma cultura segregacionista e supremacista dos Setecentos. No entanto, devido à presença do racismo estrutural e da falta de informações concretas, foi representada de forma distorcida na cultura brasileira.

Completamos ainda que a extração diamantífera foi expressivamente influente na sociedade mineira, uma vez que, Minas Gerais se tornou o polo exportador de pedras preciosas mais vigiado e importante do mundo, atraindo trabalhadores de toda colônia. Como resultado, a região diamantina foi fortemente marcada por expressões culturais advinda de uma sociedade marcada por miscigenação, devido a um número elevado de descendentes de pessoas que eram cativas e imigrantes, acarretando desse fato o crescimento populacional nas áreas auríferas e entorno.

Compreendemos que apesar de se tornar uma figura invisibilizada para sociedade brasileira. Francisca da Silva de Oliveira, para além da representação estereotipada, revela-se como uma mulher autêntica que viveu em uma sociedade permeada de preconceitos, deixando um legado duradouro e servindo de inspiração para aqueles que vivenciam a marginalização.

Também, concluímos que fazer Iniciação Científica com educandos do Ensino Básico foi gratificante e gerou resultados não só no presente texto, mas na vida acadêmica dos mesmos, pois eles se tornaram capazes reproduzir os métodos de pesquisa aprendidos para seu cotidiano.

Deste modo concluímos que o método proposto foi eficaz e profícuo fator que ajudou no aprofundamento e consistência da pesquisa, ademais, nós conseguimos obter resultados que condizem aos objetivos iniciais, onde a compreensão da forma que a economia e sociedade foram influenciadas pela extração diamantífera e por Chica da Silva.



REFERÊNCIAS

ALVES, V.J.R.; BORGES, U.C.S. Periferização urbana e negligência ao patrimônio-territorial de Diamantina (MG). *Cenário*, Brasília, vol. 6, nº 10, p. 86-99, 2018.

BUENO, Eduardo. *Brasil - uma história: cinco séculos de um país em construção*. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

CAETANO, Maria do Rosário. *Coromandel Centenária: memórias e afetos*. Belo Horizonte: Letramento, 2023.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. *O livro da capa verde: o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da real extração*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2008.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, volume I*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil, volume II*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GONÇALVES, R. J. A. F; MENDONÇA, M.R. Sonho de garimpeiro é diamante no picuí: território e trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG. *Revista Pegada, Presidente Prudente*, vol. 12, nº 12, p.60-80, 2011.

GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lucia; ALMEIDA, Anita Correia de Lima. *Para conhecer Chica da Silva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html>> Acesso em: 09 out. 2023.

MARTINS, Marcos Lobato. A Mineração de Diamantes e a Administração Geral dos Terrenos Diamantinos: Minas Gerais, Décadas de 1830-1870. *Revista de História*, São Paulo, n. 167, p. 130-163, 2012. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/49076>> Acesso em: 09 out. 2023.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Edital SEE nº 04, de 02 de fevereiro de 2023. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <<https://www.educacao.mg.gov.br/a->



[secretaria/concursos-e-editais/programa-de-iniciacao-cientifica-na-educacao-basica-iceb-2023/](#)> Acesso em: 09 out. 2023.

RIBAS, Renata Aparecida Ferreira. As Multifaces de Chica da Silva em Três Romances Brasileiros. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – Campus Pato Branco. Pato Branco, p. 120. 2021. Disponível em: <<https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/24572/1/chicasilvapersonagemficcao.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2024.

RIBEIRO, Loredana. Cativos do Diamante: Etnoarqueologia, Garimpo e Capitalismo. Revista Espinhaço, Diamantina, vol. 2, nº 2, p. 153-167, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufvjm.edu.br/revista-espinhaco/article/view/28>> Acesso em: 04 jul. 2024.

SANTOS, Joaquim Felício dos. Memórias do distrito diamantino. 5. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1978.